



TCC/UNICAMP
F448s
IE

Monografia: Brasil

TARCILA MARQUES FIDALGO

CEDOC - IE - UNICAMP

**SETOR DE TURISMO NO BRASIL: UMA ANÁLISE DO PROCESSO DE
REGIONALIZAÇÃO NOS ANOS RECENTES.**

PROJETO DE MONOGRAFIA APRESENTADO
NO INSTITUTO DE ECONOMIA DA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
COMO REQUISITO PARA A CONCLUSÃO DA
DISCIPLINA MONOGRAFIA II.

ORIENTADOR: PROF. DR. FERNANDO
SARTI

Sarti, Fernando, 1964-

CAMPINAS

2010

TCC/UNICAMP
F448s
1290005329/IE

Resumo

No Brasil, apesar da crescente contribuição da Atividade Turística para o crescimento econômico, atuando como importante propulsor do desenvolvimento sócio-econômico para diversas regiões, as Atividades Turísticas permanecem ainda muito aquém do que poderiam efetivamente ser em termos de desenvolvimento e capacitação da Atividade Turística. Esse projeto propõe-se a realizar um diagnóstico do Turismo brasileiro, com base nos dados de seu mercado de trabalho, através de uma avaliação da importância das Atividades Turísticas frente às demais atividades, verificando se os municípios efetivamente turísticos e aqueles com potencial turístico apresentam um Setor de Turismo com nível mais avançado e de maior desenvolvimento que os demais. Por meio da avaliação dos indicadores de desempenho e capacitação da Atividade Turística, concluímos que o Turismo ainda não tem sido um vetor de desenvolvimento econômico e social no país.

Abstract

In Brazil, despite the growing contribution of Tourism to economic growth, acting as an important driver of socioeconomic development for different regions, Tourist Activities are still far short of what could actually be in terms of training and development of tourism. This project proposes to conduct a diagnosis of Brazilian Tourism, based on data from the labor market, through an assessment of the importance of Tourist Activities against other activities, checking if Touristic cities and those with tourism potential have a more advanced and more developed level of Tourism sector than others. Through the evaluation of performance indicators and training of tourist activity, we conclude that Tourism has not been a vector of economic and social development in the country.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
1. EVOLUÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DAS ATIVIDADES TURÍSTICAS NO MUNDO E NO BRASIL.....	4
1.1 EVOLUÇÃO DAS ATIVIDADES TURÍSTICAS.....	4
1.2 CENÁRIO MUNDIAL.....	8
1.3 TURISMO NO BRASIL.....	10
1.4 ANÁLISE DOS INDICADORES DAS ATIVIDADES TURÍSTICAS.....	11
2. EVOLUÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DO MERCADO DE TRABALHO DAS ATIVIDADES TURÍSTICAS NO BRASIL.....	19
2.1 PANORAMA GERAL DO TURISMO BRASILEIRO.....	19
2.2 METODOLOGIA.....	21
2.3 INDICADORES.....	22
2.4 ANÁLISE DOS INDICADORES.....	23
2.5 AÇÕES E POLÍTICAS PÚBLICAS NO TURISMO.....	28
3. EVOLUÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DO MERCADO DE TRABALHO DAS ATIVIDADES TURÍSTICAS NO BRASIL, POR REGIÃO.....	31
3.1 PROGRAMA DE REGIONALIZAÇÃO DO TURISMO BRASILEIRO.....	31
3.2 ANÁLISE DOS INDICADORES.....	32
3.3 DIAGNÓSTICO.....	38
CONCLUSÃO.....	40
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	43

Introdução

A Atividade Turística vem crescendo substancialmente como um fenômeno econômico e social e, diante disso, observa-se uma crescente consciência sobre o papel que o Turismo desempenha ou pode desempenhar, tanto de forma direta, indireta ou induzida, sobre uma economia, em termos de geração de valor e emprego.

A análise da economia do Turismo é feita, essencialmente, por meio da mensuração dos produtos (bens e serviços) que os turistas consomem durante suas viagens e sobre os impactos que a oferta destes produtos exerce sobre as variáveis macroeconômicas e sua inter-relação com as demais atividades da economia.

No Brasil, observa-se crescente contribuição do segmento turístico para o crescimento da economia brasileira, atuando como propulsor do desenvolvimento sócio-econômico para diversas regiões. Apesar do maior desempenho e da maior participação no PIB, as Atividades Turísticas permanecem ainda aquém do seu potencial efetivo de crescimento e de desenvolvimento, sobretudo naquelas regiões mais pobres, mas com enorme potencial de oferta e demanda turística. Esse baixo desempenho está relacionado a problemas tanto do lado da demanda (doméstica e internacional) quanto da oferta.

Do lado da oferta, esta se encontra ainda muito concentrada em determinadas regiões, especialmente no Sudeste e nas principais capitais brasileiras. Suas deficiências dificultam o crescimento tanto do turismo doméstico quanto do turismo internacional.

Quanto à demanda, o consumo turístico no Brasil depende, em grande parte, de turistas nacionais, que representam aproximadamente 90% do consumo turístico total. O reduzido poder aquisitivo médio do turista brasileiro tem sido um obstáculo ao crescimento do setor. Já a entrada de turistas estrangeiros é considerada baixa para parâmetros internacionais (NEIT, 2007).

Diante deste cenário, fica clara a importância do papel da Regionalização/Interiorização do Turismo para a economia, com o objetivo de transformar o potencial turístico de determinadas regiões em realidade e levá-las a uma maior diversificação de suas atividades. Nessa perspectiva, o Ministério do Turismo desenvolveu um Programa de Regionalização, cuja proposta é a estruturação de roteiros integrados entre municípios, sendo essa roteirização uma forma de organização da oferta turística brasileira, a fim de ampliá-la e diversificá-la.

O Programa “Roteiros do Brasil” (Ministério do Turismo, 2006) é voltado para os mercados competitivos e impulsionado na perspectiva do desenvolvimento sustentável,

traduzindo-se em ações, planejamentos e reformas na estrutura governamental dos municípios destacados, de forma a garantir maior igualdade e novos critérios de ação e negociação, que possam se traduzir em novas posições nos mercados mundiais, repercutindo em melhores oportunidades no que diz respeito à geração e distribuição de renda.

Somada a essa iniciativa, o Brasil tem a seu favor a recente confirmação do país como sede da Copa do Mundo da FIFA, de 2014, e das Olimpíadas, de 2016, as quais, se bem aproveitadas, poderão lhe trazer grandes oportunidades de promoção como destino turístico.

O Turismo é parte integrante deste contexto, já que é de sua responsabilidade receber e cuidar dos visitantes internacionais e nacionais. A exposição massiva da imagem do país em âmbito internacional, bem como os diversos legados ao país em termos de infra-estrutura, tecnologia e capital humano gerarão reflexos e benefícios em diversos setores da economia e da sociedade, transitórios e duradouros, diretos e indiretos. A Copa será um motivo a mais para viajar, o que pode vir a amenizar o problema relativo à demanda ao nosso turismo, pois estimulará a entrada de turistas internacionais (que são os turistas de maior poder aquisitivo, logo, os que gastam mais), incentivando ainda mais o bom desempenho que o turismo brasileiro vem apresentando. Não só o Turismo internacional será impulsionado, mas também o Turismo doméstico poderá sofrerá efeitos positivos. Entretanto, deve-se atentar para os riscos que a realização deste megaevento pode trazer.

A Economia do Turismo brasileira é fortemente concentrada em algumas regiões, principalmente na região Sudeste e nas capitais brasileiras. É importante que a realização da Copa do Mundo em 2014 traga não somente crescimento da participação e dinamismo das Atividades do Turismo no país, mas que esses benefícios potenciais não sejam concentrados apenas em algumas regiões, e que levem a uma maior regionalização do Turismo no Brasil.. Nesse sentido, deve haver um transbordamento desses benefícios às demais regiões do país, de modo que outros destinos tirem proveito da realização da Copa do Mundo no Brasil, que pode atuar como um instrumento de desenvolvimento regional, levando a uma descentralização do Turismo brasileiro e promovendo maior desenvolvimento sócio-econômico em diversos destinos.

O objetivo deste trabalho consiste em avaliar a importância das Atividades Turísticas frente às demais atividades e verificar se os municípios efetivamente turísticos e aqueles com potencial turístico apresentam um Setor de Turismo com nível mais avançado e de maior desenvolvimento que os demais. É o chamado Efeito Turismo.

Para isso, será realizada uma análise detalhada do mercado de trabalho das Atividades Turísticas, por meio dos perfis de emprego e remuneração, qualificação da mão de obra e

porte dos estabelecimentos. Políticas como a Regionalização do Turismo e o programa Roteiros do Brasil, desenvolvidas pelo Ministério do Turismo, também serão avaliadas devido a sua importância frente a eventos como a Copa do Mundo, em 2014, e as Olimpíadas, em 2016.

No primeiro capítulo, foi realizado um estudo do Setor do Turismo no mundo, a partir da análise de sua evolução nos últimos anos e de sua participação em relação às demais atividades econômicas. Nessa primeira etapa, foi elaborada uma análise comparativa do Turismo brasileiro, a fim de verificar sua importância e dinamismo.

O segundo passo consistiu na avaliação da Atividade Turística no Brasil, por meio de uma análise comparativa da importância e dinamismo do Setor de Turismo brasileiro, frente às atividades de Serviços (excluindo-se delas as atividades relacionadas ao Turismo) e as atividades econômicas gerais, a fim de verificar se o Turismo realmente se apresenta como um setor de destaque na economia do país.

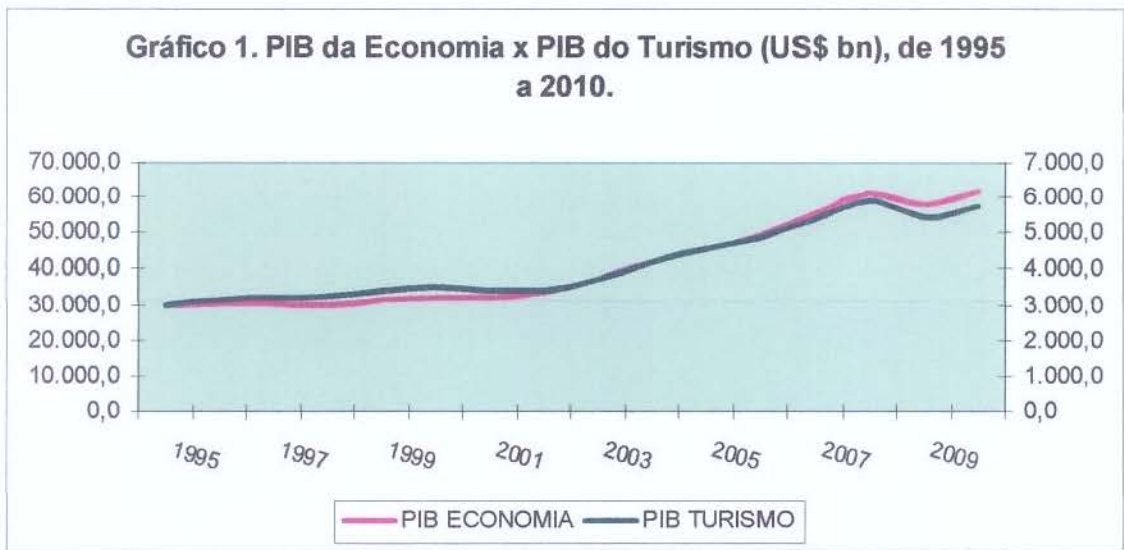
Finalmente, a terceira fase constituiu em uma análise detalhada das variáveis de mão de obra, englobando todos os municípios brasileiros, que estarão divididos em 3 grupos: o grupo classificado pelo Ministério do Turismo como potencial turístico, o grupo dos municípios que são efetivamente turísticos, definidos como aqueles que são eles próprios importantes para a Atividade Turística do Brasil e o grupo do restantes dos municípios, que apresentam baixo potencial turístico.

Capítulo 1 - Evolução e caracterização das Atividades Turísticas no mundo e no Brasil.

1.1 Evolução das Atividades Turísticas

A Atividade Turística internacional é caracterizada pela locomoção de pessoas entre países. Proveniente de um fenômeno social diretamente relacionado ao fator econômico, o Setor do Turismo tem como base o consumo de bens e serviços ofertados em determinados espaços físicos que não correspondem ao país no qual o turista reside. Trata-se de um setor de grande relevância para a economia mundial, que tem apresentado um crescimento bastante significativo em todo o mundo.

É uma atividade de demanda, associada ao consumo, sendo seu desempenho fortemente influenciado pelo crescimento do nível da renda dos consumidores efetivos e dos demandantes potenciais. Dessa forma, tem como importante característica o fato de manter uma relação direta com atividades intensivas em capital humano, além de apresentar uma importante capacidade de encadeamento.



Fonte: WTTC e FMI.
Elaboração própria.

De acordo com o gráfico 1, fica evidente o movimento bastante semelhante do PIB da Economia e do PIB do Turismo, sugerindo a existência de uma forte correlação positiva entre eles, ou seja, a expansão da Atividade Turística está fortemente relacionada ao ambiente econômico mundial. Isso significa que, normalmente, quando a economia do mundo vai bem, o turismo também vai bem pois quando a economia cresce, o nível de receita disponível

aumenta e parte desta renda é gasta com atividades afetas ao Turismo. O inverso também é válido, ou seja, quando a situação é desfavorável para a economia, também o é para o turismo, conforme verificado para o ano de 2009, marcado por grande instabilidade resultante da crise financeira, que levou à redução do PIB tanto das atividades econômicas gerais, como das Atividades do Turismo.

Diversos estudos do IPEA apontam para o fato de a renda ser um determinante fundamental para explicar a emissão de turistas, o que se traduz numa constatação esperada de que o segmento apresenta uma elasticidade renda elevada com relação aos gastos, o que caracteriza atividades compostas de bens e serviços superiores.

O Setor do Turismo corresponde à atividade do setor terciário que mais cresce no mundo, constituindo fonte relevante de geração de renda, de empregos para diversos setores da economia e de investimentos diretos (atividades turísticas) e indiretos (infra-estrutura).

Muitas economias emergentes são incentivadas a promover o Turismo como fonte de desenvolvimento econômico, uma vez que, por ser menos destrutivo que outras atividades, pode agir como promotor do desenvolvimento de outras atividades econômicas. Além dos benefícios econômicos, pode também gerar ganhos ambientais, culturais e sociais.

Nesse sentido, a atividade constitui um vetor de contribuição potencial para a preservação cultural, para o incremento da qualidade de vida, melhoria da oferta de serviços e de infra-estrutura, estímulo ao entendimento e respeito às outras culturas, incentivo e conscientização sobre a proteção do meio-ambiente e populações locais, ampliação da oferta de serviços de educação, saúde e segurança, além da expansão do desenvolvimento sócio-econômico.

Segundo dados do World Trade & Tourism Council (WTTC), entre 1995 e 2009 houve grande crescimento do número de viagens internacionais, gerando uma renda de mais de US\$ 5 trilhões.

Conforme divulgado pela Organização Mundial do Turismo (OMT) no documento Panorama do Turismo Internacional – Edição 2009, atualmente, o mercado de viagens representa 30% das exportações mundiais de serviços e 6% das exportações mundiais totais. Como categoria de exportação, o Turismo se situa em 4º lugar, depois apenas de combustíveis, produtos químicos e automóveis.

A Tabela 1 indica uma evolução positiva do número de viagens internacionais ao longo do período, exceto de 2008 para 2009, em que o número de chegadas internacionais cai de 1.721.410 mil para 1.630.260 mil, por influência de um cenário econômico global bastante volátil e desfavorável.

Tabela 1. Número de chegadas internacionais no Mundo ('000), em 1995, 2000, 2005, 2008 e 2009.

1995	2000	2005	2008	2009
1.124.150	1.415.650	1.578.510	1.721.410	1.630.260

Fonte: WTTC

Elaboração própria

Este crescimento da importância do Setor do Turismo tem sido acompanhado por uma tendência de descentralização do fluxo turístico, conforme ilustrado abaixo.

Gráfico 2. Número de chegadas internacionais ('000), de 1995 a 2010.



Fonte: WTTC.

Elaboração própria.

De acordo com o Gráfico 2, houve desconcentração do fluxo de turistas principalmente para o continente europeu, que concentrava 64,61% dos turistas em 1995, passando para 60,16%, em 2009. Na América do Norte observou-se movimento na mesma direção, com queda do fluxo de turistas de 15,18% (1995) para 10,02% (2009), confirmando uma diminuição da importância dos Estados Unidos como país receptor e também emissor de turistas nos últimos anos. Ásia, África e Oriente Médio apresentaram movimento oposto, com taxas crescentes da recepção de turistas internacionais. O Oriente Médio passou da concentração de 1,80% para 3,40% do fluxo de turistas e a África de 2,54% para 4,20%. Na Ásia, o crescimento da concentração do número de chegadas internacionais foi de 7%,

passando de 10,31%, em 1995, para 17,57%, em 2009. Destaca-se o papel da China na região, que vem ganhando cada vez mais importância no Setor do Turismo, com anúncios de diversos planos de grandes redes hoteleiras de investimentos e ampliação de seus negócios no país. Finalmente, a América Latina permaneceu com tendência de concentração de, em média, 2,04% do fluxo de turistas, sem grandes oscilações.

Ao longo dos últimos 60 anos, o Turismo mundial tem experimentado uma desconcentração contínua. Esse fato contribui para a redução das desigualdades, para a promoção de um ambiente favorável ao desenvolvimento mais equilibrado, além de significar uma via de inclusão do Turismo na estratégia de luta contra a pobreza.

Apesar da tendência de desconcentração, deve ficar claro que esse movimento ocorre de forma lenta e que, apesar das emissões de turistas variarem e se concentrarem agora em outros destinos, Europa e América do Norte correspondem ainda aos maiores centros receptores de turistas mundiais.

Nesse sentido, o IPEA desenvolveu um estudo, presente no Texto para discussão nº 1149: “Uma Aplicação Do Modelo De Dados Em Painéis Na Identificação Dos Principais Determinantes Do Turismo Internacional”, que buscou identificar os principais determinantes do fluxo de turistas internacionais por meio de testes econométricos, com variáveis que se apresentam relevantes enquanto fatores de emissão e de recepção de turistas entre países.

A partir da identificação dos principais determinantes do turismo internacional, considerando os fatores de emissão e de atração, observou-se forte tendência à maior recepção de turistas em regiões com elevado grau de desenvolvimento econômico, corroborando a afirmação de que existe uma correlação positiva entre renda e desenvolvimento turístico.

“Por outro lado, as condições de desenvolvimento e o nível de segurança também são importantes no que se refere à atratividade. Partindo do pressuposto de que o turista terá suas ações regidas pela análise custo-benefício, e o custo de deslocamento mantém uma correlação com a distância, tem-se a hipótese de que um destino turístico próximo ao centro emissor tende a ser mais competitivo. Logo, a análise geopolítica demonstra que os países da Europa Ocidental, América do Norte e parte do Leste da Ásia mantêm condições de emissão e de atração, e estão geograficamente próximos, o que leva a concluir que a concentração do fluxo turístico internacional nestes países não ocorre simplesmente por suas belezas naturais.”

1.2 Cenário mundial

Conforme evidenciado pelos dados analisados, o Setor de Turismo vem crescendo de modo expressivo nos últimos anos, trazendo diversos benefícios para as regiões em que se desenvolve, constituindo-se, atualmente, em uma das atividades de maior dinamismo da economia mundial.

Apesar do cenário propício ao crescimento do Turismo, é importante ressaltar que esse ambiente favorável foi interrompido pela crise financeira internacional, que atingiu a economia global em meados de 2008. Combinado a este cenário de incerteza econômica, o surto da gripe H1N1 também contribuiu para o arrefecimento da demanda por Turismo em algumas regiões do mundo.

Nesse contexto, assim como foi o caso de outros diversos setores, as Atividades do Turismo foram duramente atingidas pelo colapso do crédito e do mercado imobiliário vivido em 2009.

De acordo com dados fornecidos pelo WTTC, o PIB mundial caiu cerca de 2,1%, em termos reais, com os países desenvolvidos – maior fonte de renda e demanda do setor de Viagens e Turismo - sendo os mais afetados. Famílias reduziram seus planos de viagens de lazer e as empresas reduziram seus orçamentos de viagens a negócios. Os planos de investimentos no Setor de Turismo, mesmo em setores mais dinâmicos e de expansão, foram arquivados ou reduzidos. Ao mesmo tempo, a pandemia da gripe H1N1 incutiu o medo de viajar em diversos mercados, pelo menos até que se fosse identificada a natureza da doença e até que os programas de imunização do governo entrassem em vigor.

Sob a influência de uma economia global bastante volátil e desfavorável, fatores como a restrição creditícia, o agravamento da crise e oscilação do preço do petróleo afetaram a confiança dos consumidores e dos empresários, contribuindo para a recessão econômica geral.

O PIB da Economia do Turismo declinou 4,8% em 2009, o que resultou em, aproximadamente, 5 milhões de empregos perdidos. Todas as regiões do mundo tiveram redução do PIB do setor de Viagens e Negócios. O número de chegadas de turistas internacionais caiu cerca de 5% e os gastos com turismo, em termos reais, caíram ainda mais – cerca de 8,5% - diante da redução dos gastos das famílias com viagens a lazer e das empresas, com viagens a negócios. Apenas os gastos com viagens domésticas cresceram em 2009, mas ainda em proporções muito baixas.

A menor demanda internacional do Turismo na maioria das regiões do mundo foi também refletida no Índice de Confiança da Indústria do Turismo, obtido a partir de uma

pesquisa envolvendo os quase 300 membros do Painel de Especialistas da OMT. A avaliação feita foi de que os quatro primeiros meses de 2009 evidenciavam situação ainda pior que as dos quatros últimos meses de 2008, levando o índice ao seu nível mais baixo desde sua criação, em 2003.

Apesar dessas condições desfavoráveis, o setor de Viagens e Turismo empregou ainda, aproximadamente, 235 milhões de pessoas em todo o mundo (contribuição de 8,2% para o todo o emprego mundial) e gerou ainda 9,4% do PIB da economia mundial.

No momento atual, a economia global já se moveu para uma fase de recuperação. Apesar dos indicadores recentes de curto prazo serem encorajadores, indicando recuperação das atividades do Setor do Turismo, esta deverá ser gradual, com famílias e firmas analisando cuidadosamente seus planos de viagens e gastos, limitando suas despesas.

De acordo com as previsões desenvolvidas pela WTTC, as expectativas para 2010 e para um futuro recente são positivas. Espera-se recuperação do número de chegadas internacionais no mundo, elevação dos investimentos e crescimento do PIB do Turismo. Este, a princípio, deverá crescer a uma taxa de 0,5% em 2010, mas, de acordo com a WTTC, deve se recuperar de forma mais intensa em 2011, com previsões de crescimento do PIB de Viagens e Turismo de, aproximadamente, 3,25%.

No longo prazo, o Setor de Turismo deverá sustentar um papel de liderança na condução do crescimento mundial, criar empregos e aliviar a pobreza em diversas regiões. Segundo o Sumário Executivo de 2010, elaborado pelo WTTC, as economias emergentes ganharão maior força no setor, e deverão ser os motores do crescimento, impulsionando as viagens internacionais e tornando as Atividades Turísticas cada vez mais dinâmicas. Ganha destaque o papel que a China poderá desempenhar, sendo ela, sozinha, capaz de fornecer quase 95 milhões de visitantes internacionais a outros destinos, até 2020. Nos países desenvolvidos, uma tendência de gastos crescentes com lazer deverá fornecer cada vez mais turistas para novos destinos, uma vez plenamente reconquistada a confiança econômica e recuperado o cenário internacional. Além disso, conforme defendido por Hiratuka, Sarti e Sabbatini, uma das principais tendências do Setor de Viagens e Turismo será o uso crescente de Tecnologias de Informação e Comunicação e de inovações, as quais irão facilitar o acesso de turistas provenientes de todo o mundo, criando novos produtos e novos mercados.

Finalmente, o setor de Viagens e Turismo deverá crescer cerca de 4,25% ao ano, em termos reais, entre 2010 e 2020, com grande contribuição para o total de empregos gerados e participação elevada no PIB da Economia Mundial. Isto confirma que o Turismo continuará

crescendo em importância nos próximos anos, como um dos setores mais empregadores, de maior relevância e prioridade para o desenvolvimento sócio-econômico.

1.3 Turismo no Brasil

Após um período de rápida expansão, que se estende de meados dos anos noventa até os dias de hoje, marcado por diversas transformações nas comunicações, nos transportes e na tecnologia, o Setor de Turismo está finalmente consolidado no Brasil como uma importante atividade, de intenso dinamismo, apresentando impactos significativos sobre a organização econômica, social, política e ambiental em diversas regiões.

A partir dos anos noventa muitos aspectos colaboraram para o desenvolvimento do Turismo brasileiro e de sua importância. Entre eles, o grande crescimento da atividade em âmbito internacional, influenciando positivamente o fluxo de visitantes no Brasil e, em 1991, a re-elaboração das funções da Embratur (atual Instituto Brasileiro de Turismo) e a formulação de uma nova Política Nacional de Turismo, levando à criação de programas que visavam a ampliação do papel do Setor do Turismo nos diferentes territórios do país.

Dessa forma, o setor ganhou maior prestígio em nossa economia e adquiriu maior status, com um evidente destaque para sua contribuição econômica em termos de geração de emprego e renda e capacidade de induzir o desenvolvimento econômico, com a redução das desigualdades regionais e a melhoria da inserção do País no mercado mundial.

No período recente, as Atividades Turísticas brasileiras seguiram as tendências mundiais de crescimento e participação crescente no PIB. Por outro lado, os efeitos negativos decorrentes da crise financeira e da pandemia do vírus H1N1 também se fizeram sentir no Turismo do país, mas em proporções menores.

Em 2010, o Brasil alcançou o 13º lugar em estudo do WTTC, que avaliou o impacto econômico do Turismo no mundo. No total, 181 países constavam no ranking, com EUA, China, Japão, França e Alemanha, nesta ordem, ocupando as melhores posições do estudo. Nesta pesquisa, contaram pontos como geração de emprego, contribuição ao PIB, investimentos públicos e privados e divisas produzidas pelo turista internacional. O Brasil encontra-se em posição de destaque, ainda mais frente aos “concorrentes” que enfrenta, e ocupa a melhor posição entre os países da América Latina.

As previsões futuras são positivas para o país pois as perspectivas do WTTC são de que o Brasil estará entre os melhores colocados em vários quesitos, entre eles:

- Maior volume em termos absolutos de PIB do turismo (10º lugar)
- Geração de empregos diretos e indiretos do setor (7º lugar)
- Criação de empregos diretos no setor (5º lugar)
- Velocidade de crescimento dos investimentos no setor (5º lugar)

Nesse contexto, fica claro que o Setor do Turismo vem ganhando seu espaço na economia brasileira e que há crescente consciência sobre seu papel e os benefícios que pode trazer. No entanto, apesar do maior desempenho e participação, o segmento e suas atividades permanecem ainda abaixo do que poderiam efetivamente ser e realizar.

1.4 Análise dos indicadores das Atividades Turísticas

A Atividade Turística vem crescendo ao longo dos anos, destacando-se como o segmento do setor terciário de maior dinamismo e importância. O *boom* gerado pelo crescimento da atividade, principalmente ao longo dos últimos 30 anos, tende a gerar uma euforia sobre a capacidade de expansão do setor, a qual, muitas vezes, subestima a forma como tal expansão tem ocorrido. Dessa forma, por vezes, ouve-se falar sobre o potencial turístico de uma região, sem que haja base de comparação relativa ao mercado internacional quanto à oferta ou, então, partindo-se da hipótese de que há consumidores espalhados pelo mundo, cuja disposição a pagar por aquele bem irá facilmente romper a barreira dos custos de deslocamento. Daí a importância da realização de comparações entre o Brasil e diferentes destinos, a fim de obter uma visão efetiva e mais geral da situação do Turismo, analisando se nossas evoluções e tendências acompanham o mundo, se estamos melhores ou piores do que a média mundial e nossa participação na economia.

Neste trabalho, optamos por efetuar análise de diversos indicadores da Economia do Turismo, comparando os dados brasileiros com os dados mundiais e da América Latina, por meio das informações disponíveis no site do WTTC.

Para análise da Economia do Turismo é importante verificar duas variáveis: sua relevância e seu dinamismo. Segundo Sarti (2008), uma economia considerada relevante na Atividade Turística é aquela que apresenta participação da indústria do Turismo acima da média mundial. No mesmo sentido, uma economia dinâmica corresponde àquela que apresenta taxa de crescimento do produto da indústria do Turismo acima da média mundial.

Uma análise do grau de internacionalização do Turismo de cada região também é relevante porque indica a composição do consumo turístico, ou seja, se este depende mais dos turistas domésticos ou dos turistas internacionais.

Por meio dos dados fornecidos na Tabela 2, obtemos a participação da Economia do Turismo nas atividades econômicas de cada região.

Por definição, a Economia do Turismo consiste no conjunto de atividades realizadas pelos turistas durante suas viagens e estadias em lugares distintos ao seu entorno habitual, por um período de tempo inferior a um ano, com fins de lazer, negócios e outros motivos não relacionados com o exercício de uma atividade remunerada no lugar visitado. Formam um grupo bastante heterogêneo e seu consumo seria sensivelmente reduzido na ausência de turistas.

Tabela 2. PIB da Economia do Turismo (% share), em 1995, 2000, 2005, 2008, 2009 e 2010.

	1995	2000	2005	2008	2009	2010
Mundo	9,9	10,7	9,9	9,6	9,4	9,1
América Latina	7,7	8,6	9,5	9,4	9,1	8,9
Brasil	5,3	6,1	5,9	5,7	5,9	5,8

Fonte: WTTC

Elaboração própria

De acordo com o WTTC, o PIB do Turismo corresponde à medida mais ampla da contribuição econômica do setor de Viagens e Turismo. Registra a atividade dos provedores tradicionais de Turismo, somada aos investimentos relacionados ao setor, os gastos públicos e bens de exportação. Inclui tanto os efeitos diretos como os indiretos da cadeia do Turismo.

No Brasil, a participação do Turismo no período analisado é, em média, de 5,9% de sua economia. No mundo, esta participação corresponde a 10%, evidenciando uma importância relativa da Atividade Turística brasileira bem pequena em comparação à média mundial. A América Latina, por outro lado, apresenta médias de participação do Turismo maiores, em torno de 9%.

Esses dados mostram que, no Brasil, apesar da contribuição das Atividades Turísticas para o crescimento econômico, estas permanecem ainda em patamares muito abaixo do seu potencial, em posição bastante inferior à média mundial.

Esta situação desfavorável do Turismo brasileiro é confirmada pela Tabela 3, que indica a contribuição do PIB do Turismo brasileiro para o PIB do Turismo mundial.

Tabela 3. Contribuição do PIB do Turismo Brasileiro para o PIB o Turismo mundial (%), em 1995, 2000, 2005, 2008, 2009 e 2010.

1995	2000	2005	2008	2009	2010
1,39	1,14	1,18	1,64	1,74	1,91

Fonte: WTTC

Elaboração própria

A contribuição do Turismo brasileiro para o PIB do Turismo mundial é, em média, de 1,3%. Essa participação é muito baixa comparativamente à participação do PIB do Brasil em relação ao PIB mundial, que é de, aproximadamente, 2,5%. Isso comprova que o Turismo no Brasil é ainda uma atividade de pequena participação perto do que poderia efetivamente ser.

Apesar desse cenário adverso, nem todos os indicadores do Turismo brasileiro são negativos. Conforme a Tabela 4, que indica a Taxa de Crescimento do PIB do Turismo para cada destino, o Brasil vem melhorando ao longo dos anos em termos de dinamismo do setor.

Tabela 4. PIB da Economia do Turismo (real growth %), em 1995, 2000, 2005, 2008, 2009 e 2010.

	1995	2000	2005	2008	2009	2010
Mundo	1,6	3,9	3,9	1,0	-4,7	0,5
América Latina - Brasil	3,0	0,5	10,1	1,9	-3,0	0,0
Brasil	1,9	2,8	1,1	5,8	2,0	2,9

Fonte: WTTC

Elaboração própria

Na década de 90, a taxa de crescimento do Turismo no Brasil era ainda baixa e, em diversos momentos, apresentou-se menor que a média do crescimento do Turismo mundial. Na década seguinte a situação foi se alterando e, a partir de 2007, o Turismo brasileiro ganhou um impulso maior, com taxas sempre positivas e acima da média mundial, indicando um dinamismo recente do setor.

Vale destacar que o crescimento positivo e maior que a média permaneceu nos últimos anos, marcados pela crise financeira e situação econômica internacional adversa. Para 2010, as previsões de crescimento são ainda maiores, indicando boas perspectivas para o futuro do Turismo brasileiro.

Para fins de avaliação sobre a relevância e dinamismo do Turismo brasileiro, os indicadores analisados serão relativos à Participação direta da Indústria do Turismo na Economia e a Taxa de Crescimento do Produto da Indústria do Turismo.

Segundo o WTTC, o PIB da Indústria do Turismo é um conceito mais estreito, que mede o valor acrescentado das indústrias tradicionais do Turismo, com exclusão de quaisquer efeitos indiretos gerados.

Tabela 5. Participação direta da Indústria do Turismo na Economia do País (% share), em 1995, 2000, 2005, 2008, 2009 e 2010.

	1995	2000	2005	2008	2009	2010
Mundo	3,7	3,9	3,4	3,2	3,2	3,1
América Latina - Brasil	2,6	2,9	3,5	3,4	3,3	3,2
Brasil	1,9	2,5	2,4	2,2	2,4	2,4

Fonte: WTTC

Elaboração própria

De acordo com a Tabela 5, enquanto a média de Participação da Indústria do Turismo na economia mundial é de, aproximadamente, 3,5%, e na economia da América Latina é de 3,1%, no Brasil esse indicador é de apenas 2,3%. Isso indica que o Turismo brasileiro é caracterizado como não relevante, ou seja, sua participação na economia em relação à média mundial é baixa.

Apesar disso, podemos verificar que o Turismo do Brasil apresenta dados promissores em termos de dinamismo.

Tabela 6. Taxa de Crescimento do Produto direto da Indústria do Turismo (%), em 1995, 2000, 2005, 2008, 2009 e 2010.

	1995	2000	2005	2008	2009	2010
Mundo	1,9	3,1	1,6	1,3	-1,9	0,6
América Latina - Brasil	1,5	-1,7	11,6	1,5	0,3	-0,7
Brasil	4,2	2,6	2,4	5,0	6,5	2,6

Fonte: WTTC

Elaboração própria

De acordo com a Tabela 6, a taxa de crescimento do Produto da Indústria do Turismo no Brasil é significativamente maior que a taxa mundial e a da América Latina, principalmente no período mais recente. Enquanto a média do crescimento brasileiro foi de, aproximadamente, 4,38%, no mundo esta foi de 1,73%. Desse modo, observa-se um relativo

dinamismo do Turismo brasileiro, que apresenta taxas de crescimento maiores e média acima da mundial.

Segundo as estimativas elaboradas pela WTTC, a previsão de 2009 para 2010 será de queda do crescimento de 6,5% para 2,6%, o que pode ser explicado pelo contexto internacional de crise e perda da confiança dos consumidores. Esses valores, entretanto, comparados às taxas de crescimento esperadas para o mundo e para a América Latina em 2010 são bastante positivos, pois colocam o país em posição muito superior, com uma taxa de crescimento significativamente maior.

Finalmente, para obter o Grau de Internacionalização do Turismo para cada região, foi construído o indicador referente ao consumo turístico total em cada destino. Este é obtido por meio da soma dos gastos pessoais com Turismo, gastos de viagens a negócios, gastos do governo com Turismo e consumo de não residentes.

A composição do consumo turístico para o Mundo e para o Brasil pode ser observada no Quadro 1:

Quadro 1. Participação no consumo turístico (%), em 1995, 2000, 2005, 2008 e 2009.										
	1995		2000		2005		2008		2009	
	Mundo	Brasil	Mundo	Brasil	Mundo	Brasil	Mundo	Brasil	Mundo	Brasil
Gastos pessoais com Turismo	62,1	68,0	60,5	68,4	57,7	66,8	55,8	69,7	56,8	68,3
Gastos de viagens a negócios	14,3	13,8	16,6	17,1	16,0	14,8	16,0	13,9	15,5	14,9
Gastos do governo com Turismo	6,4	15,2	5,9	9,2	6,9	10,0	7,2	9,8	7,9	10,6
Consumo de não residentes	17,2	3,0	16,9	5,3	19,3	8,4	21,0	6,6	19,8	6,2

Fonte: WTTC

Elaboração própria

Tanto no mundo como no Brasil, os gastos pessoais com Turismo correspondem à maior parcela do consumo turístico. No mundo, sua participação vem caindo ao longo dos anos enquanto que, no Brasil, esta mantém-se estável.

Em relação aos gastos com viagens a negócios, a participação observada é praticamente a mesma para os dois destinos, em torno de 15,5%. No Brasil, em 1995, a participação das viagens a negócios no consumo turístico era de 14,3% e chegou a 18%, em 2003, com queda posterior, mas sem voltar a níveis baixos como os do início da década de 90.

A evolução dos gastos com viagens a negócios merece uma análise detalhada, a fim de ilustrar o posicionamento cada vez melhor do Brasil neste aspecto.

Tabela 7. Taxa de crescimento dos gastos de viagens a negócios (%), em 1995, 2000, 2005, 2008, 2009 e 2010.

	1995	2000	2005	2008	2009	2010
Mundo	2,1	11,0	6,3	-0,3	-8,0	-1,7
América Latina - Brasil	2,7	11,2	7,1	4,0	-4,6	-1,3
Brasil	-20,8	1,7	-11,7	16,4	7,1	3,7

Fonte: WTTC

Elaboração própria

De acordo com a tabela acima, observa-se forte oscilação dos gastos com Turismo de negócios. No mundo e na América Latina, houve crescimento dos gastos de 1995 a 2000, com redução a partir de 2000. Em 2004 a situação volta a ficar positiva, com taxas crescentes até 2007, quando se verifica nova contração desses gastos. Em 2009, diante da grande volatilidade e menor confiança dos consumidores devido ao cenário econômico fortemente desfavorável, o crescimento dos gastos é negativo para o mundo e América Latina, apresentando valores de crescimento de -8% e -4,6%, respectivamente.

No Brasil, a evolução dos gastos com negócios foi bastante distinta. Em 1995, a situação era a pior dentre os dados do período analisado, com crescimento negativo de 20,8%. No ano seguinte, o comportamento dos gastos foi diferente, atingindo taxas de mais de 27% de crescimento em 1999. Em 2000, observa-se nova redução. A partir desse ano verificaram-se oscilações, até que, em 2008, o Brasil atingiu um nível de crescimento dos gastos com Turismo de negócios muito acima da média mundial e, contrariando as tendências gerais, manteve crescimento positivo, mesmo que com taxas decrescentes.

A maior contribuição para esses resultados é proveniente da cidade de São Paulo, que se destaca em termos de eventos internacionais de negócios. Em 2009, pela segunda vez consecutiva, São Paulo foi eleita a cidade das Américas que mais recebeu eventos internacionais, saltando da 23ª para a 12ª posição no ranking mundial da International Congress and Convention Association (ICCA). De 2004 a 2009, São Paulo passou do 82ª para o 12º lugar. Segundo pesquisas, a cada ano, o crescimento médio de eventos na cidade é de cerca de 7%, o que mostra sua significativa contribuição para a posição privilegiada em que o Brasil se encontra em comparação a outros destinos, no momento crítico atual.

Os gastos do governo com Turismo apresentam comportamentos distintos para o Mundo e Brasil. No mundo, a participação dos gastos governamentais no consumo turístico é menor e equivale ao componente de menor participação no consumo. Apesar disso, a tendência observada é de crescimento de sua participação ao longo dos anos. No Brasil, por

outro lado, a participação dos gastos do governo é de, em média, 10,7% e observou-se redução de sua contribuição ao longo do período.

Por fim, o indicador “consumo de não residentes” é o que merece maior atenção, principalmente no caso do Brasil.

Conforme o Quadro 1, observamos que os dados relativos a este indicador são muito diferentes no mundo e no Brasil. Para o mundo, sua participação corresponde, em média, a 18,5% do consumo e apresenta taxas crescentes. No Brasil, por sua vez, a situação é diferente. A contribuição média dos gastos de não residentes para o consumo do Turismo brasileiro é de apenas 5,8%, menos do que a metade da média mundial. Esse resultado evidencia um dos aspectos mais negativos referentes à demanda turística brasileira: o baixo grau de internacionalização do Turismo do país, que pode ser comprovado pela Tabela 8:

Tabela 8. Grau de Internacionalização do Turismo (%), em 1995, 2000, 2005, 2008, 2009 e 2010.

	1995	2000	2005	2008	2009	2010
Mundo	17,2	16,9	19,3	21,0	19,8	19,9
Brasil	3,0	5,3	8,4	6,6	6,2	5,7

Fonte: WTTC

Elaboração própria

O Grau de Internacionalização do Turismo é obtido por meio da divisão do consumo de não residentes pelo consumo total. Esse índice indica quanto do consumo do Turismo depende do consumo de turistas domésticos e quanto depende dos turistas internacionais.

De acordo com os dados, temos que o Brasil é um país que apresenta uma internacionalização de seu Turismo extremamente baixa, ou seja, apresenta enorme dependência dos turistas domésticos na renda do Turismo e uma pequena demanda internacional. O problema que surge é que os turistas domésticos são justamente aqueles que têm menor poder aquisitivo e, conseqüentemente, são os menos lucrativos. Dessa forma, o baixo nível de consumo turístico internacional do país leva a uma limitação do crescimento e desenvolvimento do setor.

Verifica-se, porém, que o grau de internacionalização brasileiro vem crescendo nos últimos anos, indicando uma tendência já verificada por Hiratuka, Sarti e Sabbatini, de internacionalização do Turismo do Brasil.

Um fator que influencia positivamente e sinaliza para a expansão do mercado internacional do Turismo no Brasil se refere à realização de eventos internacionais no País. Recentemente, além de ter ganhado posições no ranking da ICCA, o Brasil ganhou destaque por, a cada ano, apresentar um número maior de cidades que se inserem no rol de hospedeiras

de eventos internacionais, indicando uma desconcentração na oferta de destinos qualificados para o Turismo de negócios. O ápice desse movimento de captação de eventos internacionais se deu com a confirmação da Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016, que colocam o país em destaque no cenário mundial e abrem grandes perspectivas para o desenvolvimento do Turismo brasileiro.

Também pode ser observado o crescimento nos investimentos em promoção externa, que visam reposicionar a imagem do destino turístico brasileiro no mercado internacional, a partir das diretrizes do plano de marketing internacional – Plano Aquarela - e do esforço de inserir o Brasil entre os maiores destinos de realização de eventos internacionais.

Apesar desta tendência, é importante ter claro que nosso consumo turístico internacional permanece ainda extremamente baixo frente aos níveis mundiais e deve ser um aspecto de grande atenção por parte de ações e programas em prol do desenvolvimento do Setor do Turismo.

Os investimentos e estratégias elaborados a fim de atender às exigências necessárias para a realização da Copa do Mundo de 2014 talvez venham a constituir um impulso à melhoria da oferta turística brasileira, atraindo turistas de todas as partes do mundo.

Convém reforçar que a Copa pode contribuir para a maior internacionalização do consumo turístico no país mas, mais importante do que isso, é que esse crescimento seja abrangente, e não concentrado em regiões específicas. O desenvolvimento do Turismo proveniente dos investimentos e dos estímulos que a Copa pode trazer ao setor deve contribuir para descentralizar as Atividades Turísticas, promovendo desenvolvimento regional.

Fica clara, portanto, a relevância do desenvolvimento de programas de Regionalização do Turismo. No capítulo 2 trataremos a Atividade Turística e sua importância e dinamismo frente às demais atividades da Economia para, no capítulo 3, entrarmos em uma análise específica do Turismo brasileiro, que abordará o programa de Regionalização e, principalmente, os municípios classificados por este como potenciais turísticos.

Capítulo 2 – Evolução do Turismo brasileiro e caracterização do seu mercado de trabalho.

2.1. Panorama geral do Turismo Brasileiro

O Setor de Turismo constitui uma atividade de destaque na economia brasileira, relevante na geração de emprego e renda e na capacidade de induzir o desenvolvimento econômico e social nas regiões em que predomina.

Nos últimos anos, este segmento seguiu as tendências mundiais de crescimento e participação crescente no PIB. No entanto, ao mesmo tempo, sentiu os efeitos negativos decorrentes da crise financeira e da pandemia do vírus H1N1, porém, em proporções menores.

A redução do ritmo de expansão da economia foi acompanhada por uma retração dos salários. Nesse sentido, era de se esperar um maior impacto sobre o Setor de Turismo do que o verificado para as outras atividades econômicas, já que se trata de um setor cuja elasticidade renda da demanda é maior do que a do conjunto da economia. No entanto, não foi isso que ocorreu.

Os impactos negativos da crise foram mais intensos no conjunto da economia como um todo do que nas atividades essencialmente turísticas. De dezembro de 2008 até março de 2009, mesmo ocorrendo uma redução na taxa de crescimento dos ocupados no Turismo em 2008, comparativamente aos anos anteriores, essa redução foi bem menor do que a verificada no resto da economia, sugerindo certa resistência do setor à crise, pelo menos no curto prazo.

Se, para o Brasil como um todo, observou-se uma capacidade de resistência à crise do mercado formal de trabalho do Setor de Turismo, isso se deve, em grande parte, ao desempenho semelhante ocorrido nas regiões Sul e Sudeste. Isso porque existe intensa concentração das Atividades Turísticas nessas regiões, principalmente no que diz respeito à oferta turística, que correspondem a cerca de 60% das ocupações no setor. Inversamente, as regiões Norte e Nordeste foram aquelas em que a crise provocou as maiores reduções no crescimento das ocupações formais do Turismo.

Nesse contexto, é evidente que o Turismo vem ganhando seu espaço na economia brasileira. A boa imagem do Brasil, que está assentada recentemente no enfrentamento da crise econômica e nos fundamentos da economia e do crédito, faz com que o Turismo pegue carona neste otimismo da economia.

O segmento vem sentindo os impactos provenientes das melhorias sociais que se verificaram no ambiente econômico no período recente. É uma atividade de demanda,

associada ao consumo, sendo seu desempenho fortemente influenciado pelo crescimento do nível de renda dos consumidores efetivos e dos demandantes potenciais. Cerca de 31 milhões de brasileiros ascenderam de classe social entre os anos de 2003 e 2008. Nesse período, ocorreu uma queda acumulada de 43% na classe E, a classe AB ganhou cerca de 6 milhões de pessoas e a classe C, dominante pelo percentual populacional, recebeu 25,9 milhões de brasileiros, passando a constituir 49,22% da população. Dessa forma, as classes média e alta ganharam maior representatividade populacional, o que abre perspectivas promissoras para diversos setores da economia, entre eles, o do Turismo.

Outro indicador da expansão do Turismo e de relevância cada vez maior para a Economia brasileira é o crescimento do volume de crédito destinado ao setor. De acordo com valores fornecidos por instituições financeiras como BNDES, BB, CAIXA, Basa e BNB, observou-se um crescimento da oferta de crédito de cerca de 400% desde o ano da criação do Ministério do Turismo (2003). Em 2009, o valor dos financiamentos concedidos pelas instituições financeiras federais chegou a R\$ 5,58 bilhões, um aumento de 55,5%, quando comparado a 2008.

O financiamento ao consumidor final constitui outro aspecto relevante para impulsionar o crescimento do Turismo. Bancos oficiais inclusive vêm desenvolvendo novos produtos e serviços financeiros, em que oferecem crédito ao turista de forma menos burocratizada e com grande aceitação pelos consumidores, gerando efeitos positivos no Turismo. Essa maior oferta de crédito, tanto ao setor em si como ao consumidor final, atua como um importante alavancador do desenvolvimento do turismo interno no país.

No entanto, embora seja uma atividade de grande contribuição para o crescimento econômico e potencial geradora de renda e de emprego, o Turismo apresenta ainda pequena participação na economia brasileira, perto do que poderia efetivamente ser.

Por outro lado, apesar da participação relativamente baixa em comparação à média mundial, o Turismo brasileiro ganhou um impulso maior, principalmente nos últimos 3 anos, com taxas de crescimento sempre positivas e acima da média mundial, indicando dinamismo recente do setor. Para 2010, as previsões de crescimento são ainda maiores, indicando boas perspectivas para o futuro do Turismo brasileiro.

A fim de avaliar as Atividades Turísticas no Brasil, seu grau de importância e dinamismo, será realizada uma análise comparativa do Setor de Turismo em relação às Atividades de Serviços e o restante da Economia. Por meio dessa análise, serão obtidas a caracterização da mão de obra, sua qualificação e remuneração, com o objetivo de verificar se

o Turismo realmente se apresenta como um setor de destaque na economia brasileira e seu peso relativo a Serviços e à economia do país.

O objetivo principal é verificar os aspectos que exigem maior atenção e requerem melhorias, além de fornecer indicadores que contribuirão para a elaboração de um diagnóstico setorial e, principalmente, para o planejamento e implementação de ações públicas e privadas que favoreçam ao Turismo.

2.2 Metodologia

As informações apresentadas nesse estudo foram obtidas por meio da coleta de dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), a qual provê informações anuais sobre o mercado de trabalho e permite a elaboração de estatísticas do emprego das atividades econômicas. Em 2007, houve uma alteração da CNAE 1.0 para a CNAE 2.0 e, assim, as declarações da RAIS de ano-base 2006 passaram a utilizar a nova versão, na qual se observa uma expansão das categorias das atividades de serviços, melhoria na definição das categorias, atendimento a demandas específicas no país e passagem de 581 classes 1.0 para 673 classes 2.0. Foram selecionados dados referentes a "número de empregados em 31/12", "rendimento médio", "tamanho de estabelecimento" e "grau de instrução" para os anos de 2000 e 2009.

As informações foram desagregadas para 3 atividades: as Atividades Turísticas, as Atividades de Serviços e o restante da economia, que compreende Agricultura, Pecuária, Produção Florestal, Pesca, Aquicultura, Indústrias Extrativas e de Transformação.

Para classificarmos determinadas atividades como características do Turismo, devemos identificar em sua produção principal os produtos que são mais sensíveis ao consumo de visitantes. São as chamadas Atividades Características do Turismo (ACT), contidas na Classificação Internacional Uniforme das Atividades Turísticas, desenvolvida pela OMT, compatível como a terceira revisão da *International Standard Industrial Classification – ISIC*, desenvolvida pelas Nações Unidas, utilizando integralmente a mesma estrutura, a fim de garantir a compatibilidade internacional das estatísticas de turismo.

Segundo o Estudo do Ministério do Turismo: “Análise das Atividades Características do Turismo”, as ACT são compostas pelas atividades: hotéis e similares; restaurantes e similares, serviços de transporte ferroviário de passageiros, serviços de transporte rodoviário de passageiros, serviços de transporte marítimo de passageiros, serviços de transporte aéreo de passageiros, serviços anexos ao transporte de passageiros, agências de viagens e similares,

aluguel de bens e equipamentos de transporte de passageiros, serviços culturais e serviços desportivos e de outros serviços de lazer.

Tais atividades foram utilizadas para analisar o perfil do emprego e da remuneração das Atividades Turísticas, exceto aquelas que se referem à alimentação (restaurantes e similares), pois a maior parte do seu consumo ocorre por parte de residentes, e não de turistas. Sua inclusão poderia introduzir um viés acima do que efetivamente ocorre, na medida em que as variações no nível de emprego não refletiriam, necessariamente, o ocorrido no Setor de Turismo.

Quanto às Atividades de Serviços, estas foram selecionadas seguindo o modelo da Pesquisa Anual de Serviços (PAS), do IBGE, compreendendo os seguintes segmentos: serviços prestados às famílias; serviços de informação; serviços prestados às empresas; transportes, serviços auxiliares dos transportes e correio; atividades imobiliárias e de aluguel de bens móveis e imóveis; serviços de manutenção e reparação; entre outras atividades de serviços.

2.3 Indicadores

Inicialmente, a fim de verificar a importância das Atividades Turísticas na economia, foi realizada uma análise dos indicadores de emprego no Turismo, nos Serviços e no Restante da Economia.

Em seguida, para avaliar se o Setor de Turismo apresenta melhor capacitação e desempenho que as demais atividades, foram avaliados dois indicadores: o de rendimento médio e o grau de instrução dos trabalhadores.

Os dados da RAIS fornecem a massa salarial para cada atividade. A partir desses dados, foi feita a divisão da massa pelo número de trabalhadores, a fim de obter o rendimento médio de cada setor analisado. Os valores de 2000 foram deflacionados pelo IPC acumulado de 2000 a 2009. Como esta informação apresenta somente a média do rendimento, não evidenciando em que faixa salarial estão mais concentrados os trabalhadores de cada segmento, recorreremos também à informação de Faixa de Rendimentos, fornecida pela RAIS. Por meio dessa base, obtemos a porcentagem de trabalhadores que recebe cada faixa específica de salários.

Para análise da escolaridade de cada classe de trabalhadores, para fins de simplificação, dividimos os níveis de instrução em: “Analfabetos”, “Ensino Fundamental Incompleto” (empregados que tem até a 5ª série do Ensino Fundamental Incompleta mais aqueles que tem até a 9ª série completa), “Fundamental Completo”, “Ensino Médio Incompleto”, “Ensino Médio Completo”, “Superior Incompleto” e “Superior Completo” (trabalhadores com nível Superior Completo, mais aqueles que têm Mestrado e/ou Doutorado).

Finalmente, a fim de verificar a contribuição das diferentes empresas, em termos de tamanho, para o emprego na economia, estudamos os dados referentes à Tamanho Médio de Estabelecimento, o qual fornece o número de empregados em empresas com diferentes números de vínculos ativos. Para simplificar a análise, classificamos as empresas, de acordo com o número de vínculos ativos, em “Micro” (até 9 vínculos ativos), “Pequena” (de 10 a 49 vínculos), “Média” (de 50 a 99 vínculos), “Média grande” (de 100 a 499 vínculos) e “Grande” (com 500 ou mais vínculos ativos).

2.4. Análise dos indicadores do Setor de Turismo

A participação do Turismo na economia brasileira pode ser mensurada, inicialmente, através da análise do número de trabalhadores neste segmento, em comparação com as demais atividades econômicas.

Tabela 1. Número de empregados no Setor de Turismo, Serviços e Restante da Economia em 31.12 e taxa de crescimento (%) de 2000 e 2009

	2000	2009	VAR (%)
Turismo	1.095.274	2.151.100	96,40%
Serviços	25.754.459	45.481.600	76,60%
Restante da Economia	9.504.536	13.494.196	41,98%
Total	36.354.269	61.126.896	68,14%

Fonte: RAIS

Elaboração própria

A Tabela 1 indica que, ao longo dos 9 anos analisados, observamos crescimento da oferta de mão de obra na economia brasileira, passando de 36.354.269 trabalhadores, em 2000, para 61.126.896, em 2009. Esse aumento foi verificado em todos os setores analisados, sendo que a maior contribuição veio do setor de Turismo, que cresceu, aproximadamente,

96%, enquanto o número de trabalhadores no conjunto da economia cresceu cerca de 68%. O Setor de Serviços apresentou crescimento de 77% e o Restante da Economia de 42%.

No que diz respeito à participação relativa de cada setor na economia brasileira, em termos de número de ocupados, temos que, no Setor de Turismo, esta se manteve praticamente inalterada, crescendo 0,5%, passando de 3,0% para 3,5%. No setor de Serviços houve crescimento da participação e, no restante da Economia, redução, ambos de 4%.

Em comparação aos setores analisados, temos que o Setor do Turismo apresenta média de participação na economia relativamente baixa. No mundo, esta participação corresponde a 10%, evidenciando uma importância relativa da Atividade Turística brasileira bem pequena em comparação à média mundial e corroborando o diagnóstico de que a participação e importância do Turismo brasileiro encontram-se ainda muito abaixo do que poderia efetivamente ser.

Vale ressaltar um aspecto importante em termos de ocupados no Setor de Turismo. De acordo com estudos desenvolvidos pelo IPEA, a proporção da ocupação formal e informal varia sensivelmente nas ACTs e, quando consideradas em seu conjunto, cada emprego formal corresponde a 1,3 ocupações informais no setor. Logo, temos que o nível de informalidade no Turismo é bastante elevado. A prestação de serviços turísticos no Brasil se desenvolveu de maneira informal em decorrência, principalmente, das dificuldades burocráticas inerentes ao processo de formalização empresarial. Com uma grande parcela destes prestadores de serviços composta por organizações familiares e de pequeno porte, o Turismo brasileiro ainda é uma atividade que opera com grande participação do mercado informal.

A busca pela reversão desse quadro de alta informalidade constitui um objetivo importante no sentido de se avançar no processo de qualificação das Atividades Turísticas. Isso pode ser estimulado não somente por meio de campanhas de sensibilização junto aos agentes turísticos, mas também por meio de ações de incentivo relacionadas à simplificação dos procedimentos normativos e regulamentares, para os quais são particularmente sensíveis as pequenas e médias empresas.

Tabela 2. Salário médio (R\$) dos ocupados no Setor de Turismo, Serviços e Restante da Economia, em 2000 e 2009.

Turismo		Serviço		Restante da Economia		Média da Economia	
2000	2009	2000	2009	2000	2009	2000	2009
1.146	1.239	1.156	1.368	1.045	1.273	1.115	1.293

Fonte RAIS

Elaboração própria

Os dados da Tabela 2 são referentes ao Rendimento Médio e chamam a atenção para dois aspectos. O salário médio das Atividades Turísticas é crescente mas, apesar disso, permanecem ainda abaixo dos níveis observados em Serviços. Essa diferença entre a remuneração do Turismo e das demais atividades de Serviços fica ainda maior em 2009, quando o salário médio do Turismo corresponde a R\$ 1239,2 e o de Serviços a R\$ 1367,9.

Soma-se a isso a o fato de que, em 2009, o restante da Economia, caracterizado por médias salariais sempre menores, consegue chegar aos níveis de rendimento observados no Turismo, evidenciando um aspecto negativo do setor: a má remuneração.

Pela análise da Tabela 3, obtemos as informações referentes à Faixa de Rendimento Médio, que fornece a participação dos empregados em cada uma das faixas de rendimento oferecidas pelo mercado.

Tabela 3. Participação do número de trabalhadores em cada faixa de remuneração do Setor de Turismo, Serviços e Restante da Economia, em 2000 e 2009.

	Turismo		Serviços		Restante da Economia	
Salários Mínimos	2000	2009	2000	2009	2000	2009
Até 1	1,8	5,1	3,3	6,7	4,3	7,3
De 1,01 a 3	39,7	70,1	51,0	68,2	56,3	70,3
De 3,01 a 5	29,1	14,0	19,9	11,5	16,8	10,8
De 5,01 a 10	22,0	5,2	15,4	7,8	12,4	6,1
De 10,01 a 20	4,7	2,0	6,3	3,0	6,1	2,5
Mais de 20	2,1	0,9	3,3	1,3	2,9	1,1
Ignorado	0,5	2,9	0,9	1,5	1,2	1,9
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte RAIS

Elaboração própria

De acordo com os dados, temos que, no Setor de Turismo, mais de 40% de seus empregados recebem no máximo 3 salários mínimos. De 2000 a 2009, o volume de pessoas

que recebem um valor dentro dessa faixa salarial aumentou, passando de 41,49% para 75,18% dos ocupados em Turismo.

Essa constatação sugere que o crescimento do número de trabalhadores do setor, verificado na Tabela 1, se deu, principalmente, entre aqueles que recebem menos.

Quando comparadas com Serviços e o Restante da Economia, a situação das Atividades Turísticas mostra-se ainda mais preocupante. Nos dois anos analisados, elas são as que empregam menos mão de obra com os maiores salários. Isso confirma o que já tinha sido observado por meio dos dados de Rendimento Médio: a baixa remuneração das Atividades Turísticas, comparativamente a outros segmentos econômicos.

Dentre os principais determinantes do nível de remuneração da mão de obra estão a qualificação do pessoal ocupado e o porte da empresa. As empresas dos segmentos de transporte aquaviário e de transporte aéreo, por exemplo, ao utilizarem mão de obra com elevado grau de qualificação e por apresentarem porte bastante superior ao da média das empresas de Atividades Turísticas, destacam-se por remunerar melhor do que as demais empresas do setor.

Tabela 4. Grau de instrução: participação (%) dos trabalhadores, de acordo com a escolaridade, no Setor de Turismo, Serviços e Restante da Economia, em 2000 e 2009.

	Turismo		Serviços		Restante da Economia	
	2000	2009	2000	2009	2000	2009
ANALFABETO	1,0	0,3	1,6	0,4	3,3	1,6
FUND INCOMP	41,3	19,3	29,4	14,5	49,1	31,3
FUND COMP	21,3	18,4	18,1	13,6	17,6	16,1
MEDIO INCOM	9,5	10,1	9,3	8,1	8,6	9,9
MEDIO COMPL	19,8	40,2	26,5	42,2	14,9	33,3
SUP INCOM	2,7	3,6	4,0	4,6	2,2	2,7
SUP COMP	4,4	8,1	11,1	16,6	4,3	5,0
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

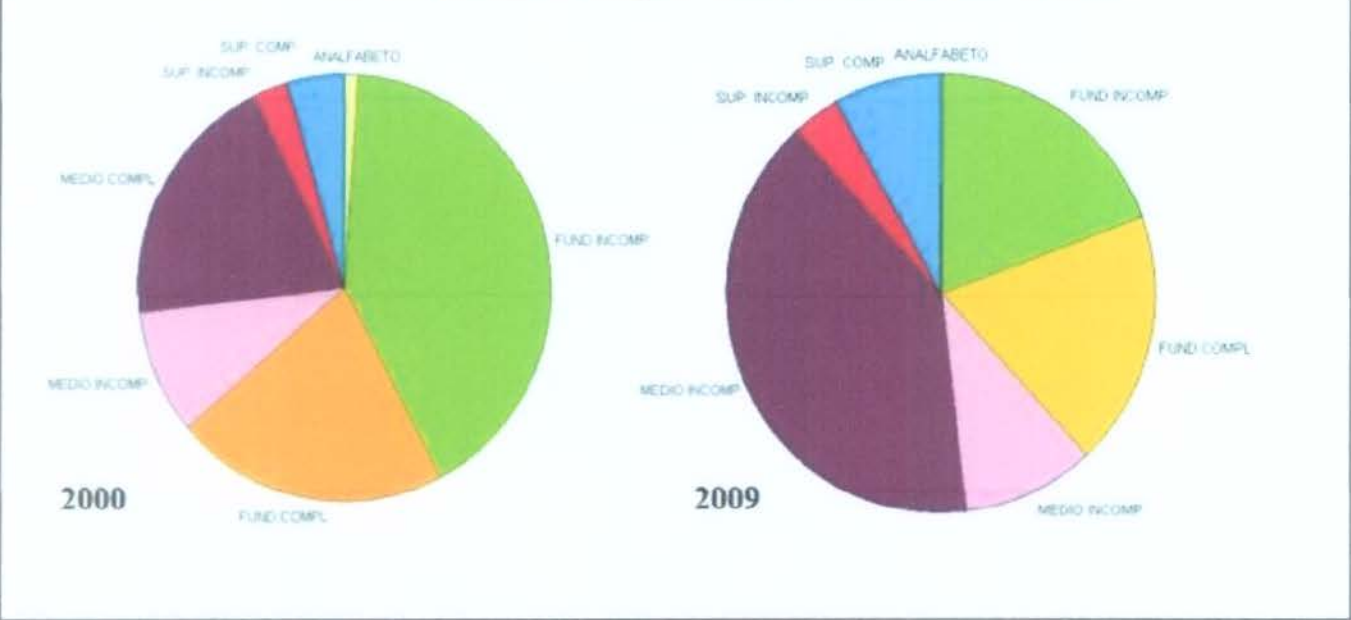
Fonte RAIS

Elaboração própria

Na Tabela 4, temos os dados relativos ao Grau de Instrução dos trabalhadores do país. Por meio desse indicador, observamos que a escolaridade dos trabalhadores do Turismo vem melhorando, com menor participação dos analfabetos e daqueles que tem Ensino Fundamental Incompleto ou Completo e aumento da participação daqueles com mais anos de estudos.

Dessa forma, embora tenha crescido o número de trabalhadores que recebem menores faixas salariais nos últimos anos, o grau de instrução é crescente, indicando progresso na capacitação da mão de obra das Atividades Turísticas, conforme ilustra o Gráfico 1.

Gráfico 1. Grau de Instrução no Setor de Turismo, em 2000 e 2009



Fonte: RAIS
Elaboração própria.

Isso, entretanto, não significa que o Grau de Instrução do Turismo seja elevado. O nível de escolaridade das Atividades de Serviços é sempre significativamente maior que o do Turismo, confirmando a baixa escolaridade dos trabalhadores do Turismo.

Além disso, essa evolução do nível educacional não se reflete no quesito remuneração, ou seja, o maior nível de escolaridade não é acompanhado por maiores salários, constituindo-se num fator negativo do setor do Turismo.

Finalmente, a Tabela 5 apresenta os dados relativos ao Tamanho Médio dos estabelecimentos e quanto de mão de obra eles empregam.

Tabela 5. Participação (%) do número de empregados por tamanho de estabelecimento para o Setor de Turismo. Serviços e Restante da Economia, em 2000 e 2009.

	Turismo		Serviços		Restante da Economia	
Salários Mínimos	2000	2009	2000	2009	2000	2009
Micro	15,5	18,2	19,5	20,8	20,8	17,9
Pequena	17,5	23,7	18,5	20,9	24,0	22,8
Média	8,1	9,9	6,5	7,4	11,2	11,0
Média Grande	27,6	23,7	16,9	16,7	24,7	23,8
Grande	31,3	24,5	38,6	34,2	19,3	24,5
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte RAIS

Elaboração própria

O primeiro aspecto a ser observado é que as médias e grandes empresas empregam mais da metade da mão de obra do Setor do Turismo. Sua participação no emprego dos trabalhadores sofreu redução de 2000 a 2009 mas, mesmo assim, são as empresas de maior porte que continuam a empregar a maior parte dos ocupados do setor. As micro e pequenas empresas, por sua vez, apesar de apresentarem menor contribuição ao emprego, vêm aumentado sua participação, empregando mais.

O Setor de Serviços segue o mesmo padrão do Turismo, com as maiores empresas com a maior participação no emprego. Já o Restante da Economia, vai na direção contrária. Há uma melhor distribuição do emprego entre os diferentes tipos de empresas e, além disso, os menores estabelecimentos sofreram redução de sua participação no emprego enquanto que as grandes empresas aumentaram de 19,3% para 24,5% da contribuição.

2.5. Ações e Políticas Públicas no Turismo

Diante do cenário em que se encontra o Turismo brasileiro, faz-se necessário refletir sobre a necessidade de políticas mais agressivas de fortalecimento do setor de turismo nacional, com ênfase no planejamento de ações voltadas para uma melhor capacitação da mão de obra do Turismo, incremento do fluxo de entrada de turistas estrangeiros, bem como para melhoria da infra-estrutura turística básica. Desse modo, muitos projetos têm sido desenvolvidos a fim de dar suporte à atividade Turística.

No início de 2003 foi criado o Ministério do Turismo (MTur) para priorizar o Turismo como propulsor do desenvolvimento social e econômico do País. No mesmo ano, foi lançado o Plano Nacional do Turismo, o qual tinha como objetivos: parceria e gestão descentralizada;

desconcentração de renda por meio da regionalização, interiorização e segmentação da atividade turística; diversificação dos mercados, produtos e destinos; inovação na forma e no conteúdo das relações e interações dos arranjos produtivos; adoção de pensamento estratégico, exigindo planejamento, análise, pesquisa e informações consistentes; incremento do turismo interno; e, por fim, o turismo como fator de construção da cidadania e de integração social.

Um ano depois, o Ministério do Turismo criou o Programa de Regionalização do Turismo – Roteiros do Brasil, pautado nas orientações contidas no Plano Nacional do Turismo e, passado um tempo, percebeu-se que o modelo de gestão apoiado na regionalização do turismo transformou-se em eixo estruturante dos macroprogramas do Plano, garantindo uma política pública mobilizadora, marcada pela flexibilidade e atendendo às múltiplas questões que interferem no equilíbrio social e econômico das diversas regiões do país.

Nesse sentido, fica clara a importância do Programa para a correção de certos problemas presentes nos municípios brasileiros, o que pode contribuir para a eliminação e/ou contenção das disparidades observadas, das deficiências específicas de cada local e da forte concentração observada nas principais capitais. Seu desenvolvimento e continuidade são de relevância extrema para a tentativa de melhorar os problemas característicos do setor de Turismo e de transformar o potencial das Atividades Turísticas de alguns municípios em realidade.

Somada a essa iniciativa, o Brasil tem a seu favor a recente confirmação do país como sede da Copa do Mundo da FIFA, de 2014, a qual, se bem aproveitada, pode lhe trazer grandes oportunidades de promoção como destino turístico. O Turismo é parte integrante deste contexto, já que é de sua responsabilidade receber e cuidar dos visitantes internacionais e nacionais.

A exposição massiva da imagem do país em âmbito internacional, bem como os diversos legados ao país em termos de infra-estrutura, tecnologia e capital humano gerarão reflexos e benefícios em diversos setores da economia e da sociedade, transitórios e duradouros, diretos e indiretos. A Copa será um motivo a mais para viajar, o que pode vir a amenizar o problema relativo à demanda ao nosso turismo, pois estimulará a entrada de turistas internacionais (que são os turistas de maior poder aquisitivo, logo, os que gastam mais), incentivando ainda mais o bom desempenho que o turismo brasileiro vem

apresentando. Não só o Turismo internacional será impulsionado, mas também o Turismo doméstico poderá sofrerá efeitos positivos.

Entretanto, deve-se atentar para os riscos que a realização deste megaevento pode trazer. Como vimos, a economia brasileira é fortemente concentrada em algumas regiões, principalmente na região Sudeste e nas capitais brasileiras. É importante que a realização da Copa do Mundo em 2014 traga não somente crescimento da participação e dinamismo das Atividades do Turismo no país, mas que esses benefícios potenciais não sejam concentrados apenas em algumas regiões, e que levem a uma maior regionalização do Turismo no Brasil.

Nesse sentido, deve haver um transbordamento desses benefícios às demais regiões do país, de modo que outros destinos tirem proveito da realização da Copa do Mundo no Brasil, que poderá atuar como um instrumento de desenvolvimento regional, levando a uma descentralização do Turismo brasileiro e promovendo maior desenvolvimento sócio-econômico em diversos destinos.

Muitos programas estão sendo desenvolvidos a fim de se adequar às exigências necessárias para a realização da Copa do Mundo e desenvolver os pontos a serem aprimorados. Entre eles, estão os programas “Olá, Turista!” e o “Bem Receber Copa”. O primeiro consiste em uma parceria do Ministério do Turismo com a Fundação Roberto Marinho, cujo objetivo maior é ensinar inglês e espanhol a profissionais da cadeia do turismo que atuam diretamente com o público. Esta é a primeira ação concreta de capacitação profissional motivada pela Copa do Mundo de 2014. Já o “Bem Receber Copa”, compreende um projeto específico para o Ecoturismo e o Turismo de Aventura, com ações de comunicação e capacitação.

Se tais medidas forem devidamente organizadas e trabalhadas, muitos aspectos do Turismo brasileiro poderão melhorar e se desenvolver, gerando um maior crescimento econômico e social e levando benefícios, diretos e indiretos, aos diversos setores da economia brasileira.

Capítulo 3. Evolução e Caracterização do Mercado de Trabalho das Atividades Turísticas no Brasil, por Região.

3.1. Programa de Regionalização do Turismo Brasileiro

A proporção e diversidade do território brasileiro são de tamanha grandeza que a estruturação e organização da oferta turística do país constituem um dos maiores desafios para a gestão e o desenvolvimento sustentável do setor.

Apesar do forte crescimento do Turismo como atividade econômica e social, há ainda muitos desafios a serem enfrentados, tendo em vista, principalmente, a realização da Copa do Mundo, em 2014, e das Olimpíadas, em 2016.

A estruturação da oferta do Turismo pode ser potencializada se considerada em sua dimensão regional, por meio da integração e ação conjunta dos municípios na prestação de serviços aos turistas, agregando valor aos territórios. Tendo este princípio como referência, o Ministério do Turismo criou o Programa de Regionalização do Turismo, por meio do qual os municípios são incentivados a um trabalho conjunto de estruturação e promoção, no qual cada peculiaridade local pode ser contemplada e integrada num mercado mais abrangente.

No âmbito deste Programa, o MTur vem realizando o mapeamento turístico do País para identificar as regiões e roteiros que devem ser objeto de ordenamento, estruturação, gestão, qualificação e promoção, a fim de melhorar o nível da oferta de seus serviços.

Em 2006, foram identificadas pelo Programa 200 regiões turísticas que envolviam 3819 municípios. Devido a adequações e reordenamento, o mapa atual apresenta 276 regiões turísticas, envolvendo um grupo de 3635 municípios, o qual será aqui denominado de Grupo Potencial (GP).

Para que a Atividade Turística seja sustentável social, econômica e ambientalmente, o planejamento é imprescindível, o qual só será alcançado de maneira efetiva com a elaboração e análise aprofundada de indicadores atualizados do Turismo Nacional e seu perfil de trabalho para que, assim, os governos e a iniciativa privada sejam precisos em suas ações.

Nesse sentido, a realização de estudos e análises detalhadas do Setor do Turismo e as características de sua mão de obra vêm se fazendo cada vez mais indispensáveis e muitos órgãos já começaram a atuar nessa direção. Fica clara, assim, a importância de projetos que atuam nesse sentido.

Após análise do contexto turístico no mundo e no Brasil, será realizado um estudo detalhado das variáveis de mão de obra do Turismo dentro do Brasil, englobando todos os

municípios brasileiros, que estarão divididos em 3 grupos: o grupo classificado pelo Ministério do Turismo como de potencial turístico (GP), o grupo dos principais municípios efetivamente turísticos, ou seja, aqueles que são eles próprios importantes para a Atividade Turística do Brasil, ao contrário do primeiro grupo, em que o Setor de Turismo é importante para a economia dos municípios. Neste caso, foram selecionados os 10 municípios classificados pelo Ministério do Turismo, em 2005, como os principais destinos visitados pelos turistas estrangeiros. São eles: Rio de Janeiro, Foz do Iguaçu, São Paulo, Florianópolis, Salvador, Balneário Camboriú, Fortaleza, Natal, Armação de Búzios e Manaus. Eles compõem o GP, mas, para fins de análise, foram retirados daquele grupo e analisados separadamente pois tornariam a análise viesada por terem grande peso/influência sobre os resultados do GP. Serão aqui chamados de Grupo Turístico (GT). Finalmente, temos o último grupo, do restante dos municípios, que apresenta baixo potencial turístico, aqui denominado de GR.

O objetivo dessa análise é identificar o dinamismo e participação do Turismo em cada região, por meio da avaliação do seu perfil de mão de obra empregada nas Atividades Turísticas e verificar se existe uma relação positiva entre a intensidade turística de cada um e as características do seu mercado de trabalho. A existência dessa relação confirmaria um “Efeito Turismo” no GP e nos principais municípios turísticos, de forma que seu elevado potencial turístico ofereceria melhores condições para seus trabalhadores.

Através disso, podemos também desvendar os aspectos que demandam maior atenção e devem ser objeto de projetos de desenvolvimento e progresso, a fim de transformar o potencial turístico de alguns municípios em realidade.

3.2 Análise dos indicadores

Os indicadores utilizados para análise da mão de obra do Turismo são: Número de empregados, Faixa de Rendimento, Rendimento Médio, Grau de Instrução e Tamanho de Estabelecimento.

A Tabela 1 apresenta os dados relativos ao número de empregados em 31.12 para os anos de 2000 e 2009.

Tabela 1. Participação do emprego do Turismo no emprego Total de cada região, em 2000 e 2009 - em %.

Municípios	2000	2009
GP	3,65	3,34
GT	5,02	4,51
GR	2,83	2,35
BRASIL	3,92	3,52

Fonte: RAIS

Elaboração própria

De acordo com os dados, vemos que houve pequena retração da participação do emprego do Turismo em relação ao total da Economia, mas isso não indica queda da participação da Atividade Turística na Economia brasileira. Ao contrário, na verdade, foi registrado um crescimento de cerca de 47% do número de ocupados no Turismo, de 2000 a 2009.

De 2000 a 2009, observamos que a média brasileira de ocupados no Turismo ficou em torno de 3,5% e 3,9%. Analisando a participação dos 3 grupos, temos que apenas o GT situa-se acima da média, com participação de 5,02% e 4,51% em 2000 e 2009, respectivamente, apresentando forte influência sobre a média brasileira, mesmo sendo um grupo composto por apenas 10 municípios.

O GP permanece pouco abaixo da média para os dois períodos mas é o GR que constitui o grupo com menor taxa de participação do emprego do Turismo em sua economia, com taxas bastante abaixo da média, de 2,83% e 3,52%.

Tais dados indicam a existência de um Efeito Turismo, ou seja, no que diz respeito à participação dos trabalhadores do Turismo na economia do Brasil, no GT, a participação do Turismo é evidentemente maior do que nos demais municípios.

O segundo indicador analisado é o que diz respeito à Faixa de Rendimento dos trabalhadores do Turismo, em cada um dos grupos.

Tabela 2. Faixa de rendimento: Participação (%) dos trabalhadores de cada região, por faixa salarial, em 2000 e 2009.

	GP		GT		GR		BRASIL	
Salários Mínimos	2000	2009	2000	2009	2000	2009	2000	2009
Até 1	2,1	4,0	1,2	3,1	2,6	8,0	2,0	5,0
De 1,01 a 3	43,4	71,6	31,5	61,3	44,5	73,4	40,8	70,1
De 3,01 a 5	29,0	15,0	28,5	17,5	24,7	10,4	27,8	14,0
De 5,01 a 10	20,6	4,4	25,1	9,3	18,7	3,6	21,2	5,1
De 10,01 a 20	3,4	1,5	8,2	4,0	5,7	1,3	5,1	2,0
Mais de 20	1,2	0,5	4,4	1,7	2,5	0,8	2,3	0,9
Ignorado	0,3	3,0	1,1	3,1	1,3	2,5	0,8	2,9
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte RAIS

Elaboração própria

Por meio da Tabela 2, vemos a distribuição dos trabalhadores, por faixa salarial.

Os resultados não são animadores pois, de 2000 a 2009, houve grande retração do número de trabalhadores do Turismo no Brasil que ganham de 5 a mais de 20 salários mínimos. Esse valor passou de 28,6% para 8%, o que indica que, dentre os empregos gerados, a maioria é de baixa remuneração. Isso se confirma ao verificarmos que a participação dos trabalhadores que recebem menos de 1,01 a 5 salários mínimos cresceu de 68,6% para 84,1%, com concentração maior para aqueles que recebem de 1,01 a 3 salários.

A Tabela 3 indica a taxa de crescimento dos ocupados por faixa salarial, assim como seus números absolutos.

Tabela 3. Faixa de rendimento: Número de trabalhadores de cada região, por faixa salarial e taxa de crescimento de 2000 a 2009.

	GP			10 MAIS			GR			BRASIL		
Salários mínimos	2000	2009	(%)	2000	2009	(%)	2000	2009	(%)	2000	2009	(%)
Até 1	15.386	39.973	160	4.353	13.221	204	10.115	56.684	460	29.854	109.878	268
De 1,01 a 3	312.627	715.061	129	111.038	269.917	143	171.720	522.256	204	595.385	1.507.234	153
De 3,01 a 5	209.461	149.901	-28	100.289	77.314	-23	95.462	74.096	-22	405.212	301.311	-26
De 5,01 a 10	148.771	44.096	-70	88.357	41.090	-53	72.277	25.707	-64	309.405	110.893	-64
De 10,01 a 20	24.196	14.806	-39	28.991	17.723	-39	21.924	9.455	-57	75.111	41.984	-44
MAIS DE 20,0	8.416	5.261	-37	15.329	7.604	-50	9.682	5.538	-43	33.427	18.403	-45
IGNORADO	2.144	29.470	1.275	3.824	13.866	263	4.995	18.061	262	10.963	61.397	460
Total de trabalhadores do Turismo	721.001	998.568	38	352.181	440.735	25	386.175	711.797	84	1.459.357	2.151.100	47

Fonte: RAIS

Elaboração própria

Vemos que a tendência de crescimento dos empregos que pagam menos e redução daqueles que pagam mais está presente nos 3 grupos.

Em números absolutos, no entanto, temos ainda que GT apresenta, em comparação aos outros dois grupos, o maior volume de trabalhadores que recebem de 5 a 20 salários mínimos e o menor volume daqueles que recebem de 1,01 a 5.

Comparando os grupos GP e GR, temos que o GR teve aumento bastante acima da média brasileira dos trabalhadores que ganham menos. Enquanto o crescimento do número de ocupados do Turismo que ganha entre 1,01 a 3 salários foi de 153% no Brasil, no GR foi de 204% e, no GP, de 129%.

Esse indicador apenas confirma o que foi visto no capítulo 2: o setor do Turismo constitui um segmento caracterizado por baixa remuneração comparativamente às outras atividades da economia brasileira, principalmente, em relação a Serviços. Não observamos Efeito Turismo no que se refere à Faixa Salarial.

Para fins de análise de Rendimento Médio do trabalhador, foram obtidos dados de Remuneração Média para cada grupo, em 2000 e 2009. Os valores de 2000 foram deflacionados pelo IPC acumulado de 2000 a 2009. Chegamos ao seguinte resultado:

Tabela 4. Salário médio (R\$) dos ocupados no Turismo e seu crescimento, em cada região, em 2000 e 2009.

Municípios	2000	2009	VAR %
GP	1.010,40	1.159,91	14,8
GT	1.464,24	1.643,06	12,2
GR	1.099,34	1.100,08	0,1
BRASIL	1.142,36	1.239,17	8,5

Fonte: RAIS

Elaboração própria

Durante o período analisado, a média salarial brasileira do Turismo passou de R\$ 1.142,36 para R\$ 1.239,17.

Houve aumento do salário do Turismo para o GP e GT, enquanto que no GR o salário se manteve estável.

Comparando-se com a média brasileira, temos destaque do GT, que ficou bastante acima da média para os dois períodos analisados. No entanto, em termos de crescimento salarial, o destaque vai não somente para este grupo como, principalmente, para o GP.

De 2000 a 2009, a taxa de crescimento brasileira do salário do Turismo foi de 8,5%. Tanto o GT como o GP apresentaram taxas acima dessa média. O GT apresentou crescimento salarial a uma taxa de 12,2% enquanto que, no GP, o crescimento foi de quase 15%. Para o GR, a taxa se manteve praticamente a mesma, o que confirma a presença de um Efeito Turismo no que diz respeito ao rendimento médio, ou seja, os municípios considerados

potenciais turísticos apresentaram melhores taxas de remuneração das Atividades Turísticas do que o restante do Brasil.

Vale destacar que apesar desses indicadores, o salário do segmento turístico é baixo em comparação às outras atividades econômicas do país. Dessa forma, concluímos que apesar dos indicadores de crescimento salarial para o grupo potencial, no geral, o Turismo brasileiro apresenta uma remuneração abaixo da média da economia do Brasil.

Na Tabela 5, temos os dados de Grau de Instrução dos trabalhadores do segmento turístico.

Tabela 5. Grau de instrução: participação dos ocupados do Turismo, por nível de escolaridade, em cada região, em 2000 e 2009, em %.

	GP		GT		GR		BRASIL	
	2000	2009	2000	2009	2000	2009	2000	2009
ANALFABETO	1,1	0,3	0,9	0,3	0,9	0,3	1,0	0,3
FUND INCOMP	42,7	21,0	35,5	16,7	40,4	18,5	40,4	19,3
FUND COMPL	22,3	18,5	19,7	16,1	23,1	19,7	21,9	18,4
MEDIO INCOMP	9,8	10,2	8,7	8,2	11,1	11,2	9,9	10,1
MEDIO COMPL	18,5	39,4	24,5	40,6	18,3	41,1	19,9	40,2
SUP. INCOMP	2,2	3,2	3,9	4,5	2,9	3,5	2,8	3,6
SUP. COMP	3,4	7,3	6,8	13,6	3,3	5,8	4,2	8,1
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: RAIS

Elaboração própria

Observamos indicadores positivos sobre a escolaridade dos ocupados do Turismo, de 2000 a 2009. O número de trabalhadores brasileiros que tem até o Ensino Médio Incompleto caiu consideravelmente no período de análise, passando de 73%, em 2000, para 48%. Em sentido oposto, temos que o número de brasileiros que atuam no Turismo, com Ensino Médio completo ou mais passou de 27% para 52%. Isso indica que a escolaridade da mão-de-obra do Turismo cresceu de forma significativa no segmento, constituindo um fator positivo quanto à sua qualificação.

Essa tendência verificada para o país se repete nos 3 grupos analisados. O GP e o GR apresentam dados muito semelhantes, em todos os níveis de escolaridade. Os municípios turísticos, por sua vez, apresentam resultados melhores já que a maior parte dos seus trabalhadores possui Ensino Médio Completo ou mais.

Em 2009, no GP e no GR, metade dos seus trabalhadores são analfabetos ou têm até Ensino Médio Incompleto e a outra metade tem Ensino Completo ou mais, conforme gráfico abaixo.

Gráfico 1. Nível de escolaridade por região, em 2000 e 2009, em %.



Fonte: RAIS
Elaboração própria

Vale ressaltar que, apesar da evolução positiva dos dados de escolaridade, o nível educacional dos ocupados nas Atividades Turísticas é ainda baixo comparativamente aos demais setores da Economia, conforme análise do Capítulo 2.

Finalmente, analisando os indicadores de tamanho de estabelecimento, a principal conclusão a que chegamos é que a geração de empregos no período de 2000 a 2009 se deu, na sua maioria, nas pequenas e médias empresas. A Tabela 6 ilustra essa afirmação.

Tabela 6. Participação dos ocupados no Turismo, por tamanho de estabelecimento, por região, em 2000 e 2009 em %.

	POTENCIAIS		10 MAIS		RESTO		BRASIL	
	2000	2009	2000	2009	2000	2009	2000	2009
Micro	17,4	15,8	11,5	10,7	30,3	26,2	19,4	18,2
Pequena	19,1	24,0	14,4	18,0	21,1	26,9	18,5	23,7
Média	9,2	10,0	6,1	9,3	8,7	10,1	8,3	9,9
Média Grande	31,1	26,3	21,0	23,1	20,6	20,5	25,9	23,7
Grande	23,3	24,0	47,1	38,9	19,3	16,3	28,0	24,5
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: RAIS
Elaboração própria

Nesse intervalo de 9 anos, identificamos no Brasil um crescimento do número de trabalhadores do grupo de pequenas e médias empresas, que passaram a representar 33,6%, em 2009, ante os 26,8%, em 2000. Já as empresas classificadas como Médias Grandes e Grandes passaram a empregar 48% dos ocupados no Turismo, sendo que em 2000 empregava 53% destes.

Esta tendência esteve presente nos 3 grupos avaliados. Em todos houve crescimento do número de empregados nas pequenas e médias empresas e redução do número de ocupados nas médias grandes e grandes.

No GP, as micro, pequenas e médias empresas passaram a empregar 50% dos ocupados no Turismo, frente os 45% de 2000. No GR, a participação dessas empresas no emprego é ainda maior, atingindo 63,3%, em 2009.

As médias grandes e grandes passaram de 54,4% para 50%, no GP e de 40% para 36,7%, no GR.

Apesar de no GT a disposição observada ser a mesma, vale ressaltar que, aqui, ainda são as médias grandes e grandes empresas as que empregam a maior parte de sua mão de obra. Em 2009, embora essa participação tenha caído, continua elevada, em torno de 62%.

De qualquer forma, a conclusão a que podemos chegar na análise do tamanho dos estabelecimentos é a de que a maior parte dos empregos gerados se deu dentro das pequenas e médias empresas. Isso confirma o que foi visto no Capítulo 2, que as menores empresas vêm aumentando sua participação no mercado turístico, empregando cada vez mais.

3.3 Diagnóstico

Apesar do dinamismo do Setor do Turismo no Brasil, sua participação na Economia com um todo é ainda relativamente baixa. NEIT (2007) já havia identificado o menor peso da Atividade Turística na economia brasileira, quando comparada a uma amostra de 40 países desenvolvidos e em desenvolvimento.

Analisando o Turismo por regiões divididas de acordo com seu potencial turístico, observamos a existência de um Efeito Turismo em determinados aspectos, mas de maneira mais intensa para o GT do que para o GP.

Não identificamos o Efeito Turismo para determinados indicadores, o que vai no sentido oposto à hipótese de que, no GT e no GP, a oferta de serviços relacionados a Viagens e Turismo, assim como seu mercado de trabalho, se destacam em relação às demais cidades brasileiras, não evidenciando a existência de uma correlação positiva entre potencial turístico e oferta das Atividades do Turismo.

Essa correlação não foi efetivamente verificada em todas as variáveis analisadas. Em alguns casos em que se esperava que o desempenho do GP fosse melhor, identificamos inclusive indicadores abaixo da média brasileira ou bastante semelhantes ao GR.

Isso ilustra o diagnóstico de que o Brasil é um país de elevado potencial turístico, mas que se encontra ainda muito aquém do que poderia efetivamente ser em termos de desenvolvimento e capacitação da Atividade Turística.

Diante desse cenário, fica clara a importância da Regionalização/Interiorização do Turismo para elevar o desempenho das Atividades Turísticas no país e limitar as disparidades observadas entre os diferentes subgrupos do GPT.

Ações e programas realizados com o objetivo de elevar o desenvolvimento e a participação das Atividades Turísticas na economia brasileiras são importantes e necessárias, mas ainda não o suficiente. Por meio dos indicadores de desempenho e capacitação da Atividade Turística, concluímos que o Turismo ainda não tem sido um vetor de desenvolvimento econômico e social.

Diante desse potencial não realizado e da confirmação do país como sede da Copa do Mundo de 2014, fica reforçada a necessidade de elaboração e um grande trabalho no sentido de capacitar, reciclar e aperfeiçoar o Setor do Turismo e sua mão de obra, principalmente no GP, a fim de induzir seu desenvolvimento regional e dinamizar a economia da região em que cada um se insere.

Convém reforçar que a Copa pode contribuir para maiores investimentos, estruturação e internacionalização do consumo turístico no país porém, mais importante do que isso, é que esse crescimento seja sustentável e abrangente, não concentrado apenas nas 12 cidades sedes e regiões específicas.

O desenvolvimento do Turismo proveniente dos investimentos e dos estímulos que a Copa pode trazer ao setor deve contribuir para descentralizar as Atividades Turísticas, promovendo desenvolvimento regional. Fica clara, portanto, a relevância do desenvolvimento de programas de Regionalização do Turismo.

Conclusão

O setor do Turismo constitui uma atividade de importância crescente, contribuindo para o desenvolvimento da economia brasileira e atuando como importante vetor do crescimento sócio-econômico em diversas localidades. Apesar do maior desempenho e maior participação no PIB, as Atividades Turísticas permanecem ainda aquém do seu potencial efetivo.

No Capítulo 1, vimos que, apesar da contribuição das Atividades Turísticas para o crescimento econômico, estas permanecem em níveis muito abaixo do seu potencial, em posição bastante inferior à média mundial. Apesar disso, o Turismo brasileiro ganhou impulso nos últimos anos, apresentando taxas de crescimento positivas e acima da média mundial, indicando um dinamismo recente do setor.

Recentemente, observamos crescimento do grau de internacionalização do Turismo brasileiro. Identificamos que o país apresenta alta dependência do consumo turístico doméstico e pequena demanda internacional, o que se reflete no seu baixo nível de internacionalização turística. Dado que os turistas internacionais são justamente aqueles que têm maior poder aquisitivo e, conseqüentemente, são os que gastam mais, temos aí uma limitação ao crescimento e desenvolvimento do setor.

No Capítulo 2, partimos para uma análise da mão de obra do Turismo dentro do Brasil. Novamente, identificamos uma média de participação na economia relativamente baixa, o que confirma o diagnóstico de que a participação e importância do Turismo brasileiro encontram-se ainda muito abaixo do que poderia efetivamente ser.

No que diz respeito à Remuneração do setor do Turismo, temos que salário médio das Atividades Turísticas é crescente mas, apesar disso, permanecem ainda abaixo dos níveis observados em Serviços. Em termos de Faixa de Rendimento, os dados mostram que o segmento turístico é o que emprega a menor mão de obra com os maiores salários e sugerem que o crescimento do número de trabalhadores do setor se deu, principalmente, entre aqueles que recebem menos. A escolaridade dos trabalhadores do Turismo, por sua vez, vem melhorando. Isso, no entanto, não significa que o Grau de Instrução do Turismo seja elevado e não se traduz em maiores salários.

As médias e grandes empresas são as que empregam maior volume da mão de obra do Setor do Turismo, mas sua participação no emprego vem decrescendo. As micro e pequenas empresas, por outro lado, apesar de apresentarem menor contribuição ao emprego, vêm aumentando sua participação.

Finalmente, no capítulo 3, analisamos os indicadores das Atividades Turísticas no Brasil, por região. No que se refere à participação dos trabalhadores do Turismo na economia, no GT, a participação do Turismo é evidentemente maior do que nos demais municípios e, no GP, apenas um pouco abaixo da média brasileira, indicando a existência de um Efeito Turismo para essa variável.

Os dados de remuneração média indicam que os municípios considerados potenciais turísticos apresentaram melhores taxas de remuneração do que o restante do Brasil. Em termos de rendimento, houve intensa retração do número de ocupados do Turismo que ganham de 5 a mais de 20 salários mínimos, sugerindo que, dentre os empregos gerados, a maioria é de baixa remuneração. O nível de escolaridade aumentou em todos os grupos analisados, mas é importante ter em mente que o nível educacional dos ocupados nas Atividades Turísticas é ainda baixo comparativamente aos demais setores da Economia.

Por meio da análise do tamanho dos estabelecimentos, concluímos que a maior parte dos empregos gerados se deu dentro das pequenas e médias empresas, o que confirma que as menores empresas vêm aumentando sua participação no mercado turístico.

Concluímos, assim, que o Turismo constitui uma importante alavanca para a economia brasileira, mas que há ainda muitos desafios e obstáculos a serem enfrentados. Fica clara a importância da Regionalização do Turismo para elevar o desempenho das Atividades Turísticas no país e limitar as disparidades observadas entre as diferentes regiões.

Ações e programas realizados com o objetivo de elevar o desenvolvimento e a participação das Atividades Turísticas na economia brasileiras são importantes e necessárias, mas ainda não suficientes. Por meio dos indicadores de desempenho e capacitação da Atividade Turística, concluímos que o Turismo ainda não tem sido um vetor de desenvolvimento econômico e social.

As instâncias de governança regional, apesar de uma grande evolução nos últimos anos, ainda não estão organizadas em sua totalidade, de modo a constituírem uma interlocução eficiente nas regiões turísticas, o que dificulta a estruturação da oferta turística.

Ainda há muito a avançar no setor, particularmente no que se refere aos segmentos de estruturação mais recente e que tem um grande potencial de crescimento e aos indicadores referentes à remuneração e qualificação da mão de obra turística. O desenvolvimento do mercado interno é fundamental para dar sustentabilidade ao Turismo no país, principalmente frente à perspectiva de expansão do consumo nas diversas classes sociais e à sediação da Copa do Mundo de 2014.

A organização do evento e a realização de investimentos devem ser baseadas em uma gestão responsável, que busque o equilíbrio entre os aspectos ambientais, econômicos e socioculturais.

Diante do potencial turístico brasileiro não realizado, fica reforçada a necessidade de elaboração de um grande trabalho, no sentido de capacitar, reciclar e aperfeiçoar o Setor de Turismo e sua mão de obra, principalmente nos municípios com potencial turístico.

É importante que a realização da Copa do Mundo traga crescimento da participação e dinamismo das Atividades do Turismo no país, mas que esses benefícios potenciais não fiquem concentrados apenas nas cidades-sede. Eles devem gerar maior regionalização do Turismo, atuando como um instrumento de desenvolvimento regional, levando a uma descentralização do Turismo brasileiro e promovendo maior desenvolvimento sócio-econômico em diversos destinos.

Referências Bibliográficas

Ministério do Trabalho. **Base de dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS)**.

(IBGE 2005). **Pesquisa Anual de Serviços (PAS)**. 2005.

IBGE. **Economia do Turismo – Uma Perspectiva Macroeconômica (2000 – 2005)**. Disponível em: <>. Acesso em: 16/05/2010.

Ministério do Turismo. **Programa de Regionalização do Turismo – Roteiros do Brasil, do Ministério do Turismo**. Disponível em: <>. Acesso em: 02/07/2010.

(NEIT 2007). **“O Turismo No Brasil: Panorama Geral, Avaliação da Competitividade E Propostas de Políticas Públicas”**. Projeto de Pesquisa. 2007.

FRACALANZA, P. S; MELONI, F; BALTAR, C. **O Turismo no Brasil: Panorama Geral, Avaliação da Competitividade e Propostas de Políticas Públicas - Turismo e a Dimensão Social**. Projeto de pesquisa (NEIT 2007).

SARTI, F; HIRATUKA, C; SABBATINI, R. **O Turismo no Brasil: Panorama Geral, Avaliação da Competitividade e Propostas de Políticas Públicas - Competitividade da Oferta e Demanda Turísticas no Brasil**. Projeto de pesquisa (NEIT 2007).

HIRATUKA, C; SARTI, F; SABBATINI, R. **Notas sobre o setor de turismo mundial e brasileiro**. Boletim do NEIT, número 10. 2007.

WORLD TRAVEL & TOURISM COUNCIL. **Executive Summary 2010**. Disponível em: <http://www.wttc.org/bin/pdf/original_pdf_file/2010_exec_summary_final.pdf>. Acesso em: 01/06/2010.

WORLD TRAVEL & TOURISM COUNCIL. **Update of Monthly Tourism Indicators**. Disponível em: <http://www.wttc.org/bin/file/original_file/monthlyupdate_mai10.ppt>. Acesso em: 01/06/2010.

ÁRIAS, A, R; BARBOSA, M, A, C. **Caracterização da mão-de-obra do mercado formal de trabalho do Setor Turismo – estimativas baseadas nos dados da RAIS de 2004.** Rio de Janeiro, Novembro de 2007. Disponível em:

<http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/publicacoes/tds/td_1308.pdf>. Acesso em: 12/05/2010.

CRUZ, M, J, V; ROLIM, C, F, C; HOMSY, G, V. **Uma aplicação do modelo de dados em painéis na identificação dos principais determinantes do Turismo Internacional.** Brasília, Janeiro de 2006. Disponível em:

<http://desafios.ipea.gov.br/pub/td/2006/td_1149.pdf>. Acesso em: 12/05/2010.

FGV (2010). **Pesquisa Anual de Conjuntura Econômica do Turismo.** Fevereiro, 2010. Disponível em:

<http://www.braziltour.com/site/br/dados_fatos/conteudo/lista.php?in_secao=293>. Acesso em: 29/06/2010.

POON, A. **Tourism, Technology and Competitive Strategies.** Cabi Publishing, Nova York. 2004.

SARTI, F. **Competitividade do Turismo no Brasil.** 3º Salão do Turismo – Roteiros do Brasil. Junho de 2008.